

Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo () Relato de Experiência () Relato de Caso

O CASO DO MANUSCRITO: O GENETICISTA COMO DETETIVE

AUTOR PRINCIPAL: Luana Andretta

CO-AUTORES: Bruna Santin

ORIENTADOR: Miguel Rettenmaier

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO

A crítica genética, corrente de investigação do campo da literatura florescida no final do século XX, trouxe novos ares para a interpretação do fenômeno literário. Fazendo ressurgir o autor e os manuscritos como elementos importantes do gesto criativo, essa ciência problematizou o conceito de texto enquanto algo acabado e definido (HAY, 2007). Ao passo que considera as versões prévias do texto publicado como material relevante para a investigação científica sobre hábitos redacionais, formas de criação e atualização de uma obra, essa perspectiva de investigação é margeada por singularidades quanto à definição do seu objeto e pela forma como procedem as análises. Nessa seara, o presente resumo tem por objetivo identificar as características centrais de seu objeto - o manuscrito -, tendo como ilustração um exemplo retirado do Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF).

DESENVOLVIMENTO:

Pensar em um manuscrito nos remete à imagem de um amontoado de páginas amareladas, as quais estavam associadas, de alguma maneira, a comunicados oficiais de um povo antigo. Se relacionado, modernamente, ao processo criativo, ele é um documento sujo e sem valor que deu origem a limpa e orgulhosa obra de um escritor. A realidade encontrada pelo crítico genético, em um acervo literário, entretanto, foge desse senso comum da mesma forma que o assassino tentar escapar do detetive.

Biasi (2010) compreende que o manuscrito é uma noção híbrida, visto que aponta tanto para um elemento antigo conceitualmente reformulado e para um recorte histórico de uma realidade empírica, ou seja, para um documento conservado pertencente a um espaço-tempo definido. Essas considerações confirmam a complexidade de definição do elemento genético. Contudo, desconectado da velha noção de pergaminho com mera intenção comunicacional ou de versão que deve ser descartada, o rascunho pode ser entendido como um arquivo que sustenta a criação e, nessa superfície caótica, é que o pesquisador se torna

um Sherlock Holmes em busca de indícios que apoiem acusações, não sobre um assassinato, mas sobre um nascimento: o nascimento de uma literatura.

O manuscrito que interessa à análise - o retalhado por rasuras - desestabiliza os hábitos de pensamento do pesquisador, acostumado com o texto limpo e legível. Dessa forma, a caoticidade, a alinearidade, a polimorfia, a heterogeneidade e a fragilidade marcam o caso do manuscrito. É caótico quando é cercado por rasuras, marginais e anotações do escritor que retornou para corrigir o que estava escrito; é alinear por exigir do pesquisador-detetive, muitas vezes, uma leitura que não segue o padrão horizontal, da esquerda para a direita; é polimorfo ao poder assumir a forma de uma versão, de um esboço, de um diagrama, de uma nota, etc.; é heterogêneo ao passo que diversificadas linguagens podem ocupar o espaço da folha: palavra, símbolo, desenho; é frágil por se tratar de um papel que o tempo pode corroer e por simbolizar um pequeno recorte de todo movimento criacional. Na figura 1, é possível ter um exemplo de caoticidade, marcada pela presença de diversificadas rasuras e anotações. O fragmento do manuscrito diz respeito a um capítulo da obra Dona Anja, de Josué Guimarães, publicada em 78, e as anotações são do próprio do escritor.

Nesse contexto, Hay (2007) afirma que a peculiaridade do manuscrito vem do fato do pesquisador se deparar com o aleatório, o qual pode embasar grandes descobertas e suposições. Por essa natureza peculiar, que o pesquisador-detetive necessita estar aberto a uma leitura que o coloca como elemento integrante das análises, visto que é a partir de uma óptica específica que hipóteses podem ser levantadas. É praticamente impossível redesenhar o processo de escrita de um escritor, contudo, o pesquisador genético precisa organizar toda a singularidade do material em uma direção plausível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O geneticista se depara com inúmeros rastros dentro de um caso multifacetado de um acervo literário. Por isso, é preciso coletar pistas, na maioria das vezes, implícitas em um campo onde a acusação absoluta não reside. O Sherlock Holmes, escondido dentro do pesquisador genético, toma forma e, na maioria das vezes, encontra indícios que sustentam suas hipóteses sobre esse enredo tão misterioso.

REFERÊNCIAS

BIASI, Pierre-Marc de. A genética dos textos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

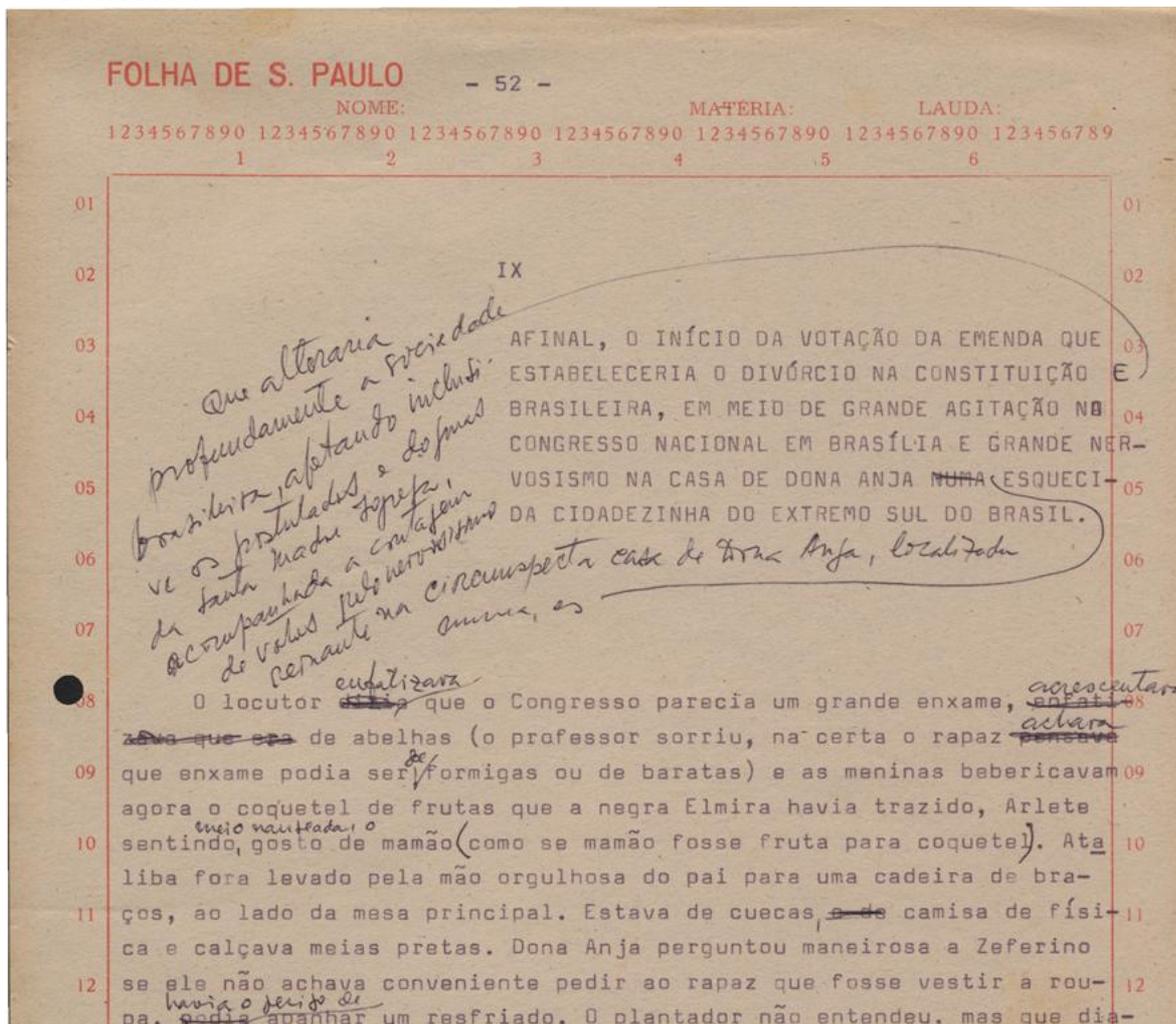
GUIMARÃES, Josué. Dona Anja. Porto Alegre: L&PM, 1978.

HAY, Louis. A literatura dos escritores: questões de crítica genética. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa): Número da aprovação.
SOMENTE TRABALHOS DE PESQUISA

ANEXOS

Figura 1: Manuscrito do romance Dona Anja, no qual rasuras e marginálias representam a caoticidade.



Fonte: ALJOG/UPF